

EXCURSO SOBRE A METAFÍSICA DO BELO: O IDEAL NA OBRA DE ARTHUR SCHOPENHAUER

Zairo Carlos da Silva Pinheiroⁱ

RESUMO. Com Nietzsche temos um marco fundamental para a filosofia, quando este de maneira peremptória, com o conceito *Interpretação* enfrenta e aprimora um dos dilemas mais caros ao que se costumou chamar de Idealismo. O século desse filósofo é o marco entre a paixão pelos restos de deidades cambaleantes, que o capitalismo não inventou mais deixou mais visível, a partir da sonhada liberdade humana. Não obstante, o *Ideal* (platônica) enquanto coisa em si de um Mundo *Verdadeiro*, a *Essência*, não fora descartada, mas até mesmo aprimorado como crítica ao *ingenuísmo* erudito feita por Nietzsche (se existe um ideal ele é do mundo e para o mundo), com relação a outras formas de expressão humana, na Arte, na Música, Escultura e na Poesia. Este excuro tem como objetivo dá um passeio pela obra metafísica de Schopenhauer, procurando na crítica, uma posição de completar o pensamento desse filósofo, e tendo como fio condutor de análise a seguinte tese: *de que a Metafísica (seja qual for) é uma luta por “gostos”, “escolhas”, e não por uma “essência”, enfim, pela Idéia*. Nesse sentido, fica mais clara a própria *metafísica*, em que entre o “louco-artista” e o “homem comum”, a diferença não é mais de grau (limite da metafísica) e sim, a diferença poderá ser entre o exímio *trabalhador* (o artista autêntico) e o *negligente* e *preguiçoso* trabalhador (o artesão, esquecendo por um momento a técnica em si).

Palavras-chave: Idéia, Fenômeno, Interpretação.

110

A metafísica enquanto estratégia de apropriação ou de compreensão de conteúdos que estariam além da consciência do homem não passa de uma maneira diferente de dizer que ela mesma é uma física levada às estrelas. Esse mecanismo intelectual (existencial) de introspecção é uma consequência daquilo que é mais *humano*, isto é, a propensão do sobre-humano de querer ir sempre além de sua vida habitual, rotineira, e o meio mais eficiente disso não poderia ser outra coisa se não algo que aparentasse algo quase dividido, a arte. Isto não significa que tal prospectiva, seja incompreensível, inapropriado, pelo contrario, significa apenas que essas categorias que qualificam nossas atitudes sonhadora são frutos de contradições geradas pela própria sociedade que o *indivíduo* nasceu e vive. Para se chegar o mais próximo dos problemas humanos (dá sentido a estes), ou para se fugir deles, as mitologias de variados lugares e seus ritos mostram muito bem: Zeus, o deus do raio, existia de carne

e osso para o grego, assim como Jesus existe para o cristão, demonstrando com tais maneiras que a mitologia é confundida, também, com a atitude sobrenatural.

Na mitologia o homem vive sua mitologia sem pensar que esta é social, fruto das relações das quais faz parte. Da mesma maneira, com a ciência os homens eruditos (certos cientistas) também presos aos paradigmas estereotipados (sem distância do objeto), não passando de um místico disfarçado de cientista porque não consegue colocar em “suspense” seu tema de trabalho, naturalizando-o como coisa livre de um contexto puramente científico. Se o homem de ciência não sabe (geralmente se esquece) como aprendeu a construir seu objeto, assemelha-se em certo sentido com um homem que não imagina que o seu deus Jeová, por exemplo, deve sua origem não a todas as tribos da terra, mas sim a tribos sumerianas específicas. Dito de outra maneira é necessário como ensina Pierre Bourdieu (2000, p. 52), “de que a sociologia da sociologia não é um luxo”, portanto, é necessário justamente a interrogação não só ao objeto, mas ao sujeito que constrói esse objeto.

Podemos dizer que Schopenhauer, apesar de sua metafísica, marca uma transição entre o ideal e o existencial. Talvez tenha sido com o encontro com Schopenhauer que Nietzsche aprendeu a ser desconfiado com o mundo e a compreender e frear, à maneira de Marx e Engels, com tudo que estava pairando no ar da metafísica tão em moda na Alemanha.

A metafísica de Schopenhauer é o que se tem de mais instigante enquanto entendimento das categorias e atitudes do homem devido nos levar por viés de análise em que há sempre uma ponte entre a ciência e a metafísica, a arte autêntica e o falso profeta da arte.

Schopenhauer é consciente de seu papel enquanto filósofo e de onde essa filosofia abrasadora parte, da concepção platônica. Para compreender as categorias em que uma análise científica não pode abarcar, entra a metafísica. Esta é de imediato um método de trabalho, mas de caráter especial devido se ater a assuntos ditos superiores, como a arte, que para Nietzsche também era o campo humano por excelência.

A *Metafísica do Belo* é a tentativa que procura dar um sentido claro a arte, mas enquanto manifestação a partir de uma perspectiva ideal. A *Idéia* (mística de Platão) é que direciona, no artista verdadeiro ou aquele que se

predispõe a agir assim, sua marca fundamental de intensidade para o *criar*: a *Razão* não faz parte desse processo devido conter freios de vontade individual contrários aos princípios da arte verdadeira. Então, para se explicar ou se compreender a arte se faz necessários os recursos da metafísica, em que só ela é capaz de nos dar uma possibilidade, através da obra de arte, do que é imutável e eterno, no caso, a *Idéia*.

A primeira preocupação dessa teoria de um mundo ideal, imutável é com a finalidade da arte, em que esta se torna *desinteressada* (no) sujeito/artista (também no espectador/estético) podendo ambos artista/espectador expressarem e visualizarem essas idéias universais, as coisas do mundo verdadeiro, tanto de uma *vontade* quanto de uma *idéia* que está sempre além da vida banal que o indivíduo leva no dia a dia. Esse cotidiano, pelo contrário, atrapalha o desenvolvimento do invisível do mundo ideal: a liberdade é justamente o distanciar-se dos afazeres banais. Só existe *liberdade* quando o mundo invisível torna-se a ponte para tal realização artística. O mundo verdadeiro (só possível para a arte) “não pode ser comunicado mediante doutrinas e conceitos, mas apenas por obras de arte [...] mas apenas intuitivamente, é o conhecimento mais profundo e verdadeiro da essência propriamente dita do mundo” (SCHOPENHAUER, 2003, p. 26). Há consenso quanto a esta característica da arte, porém não podemos compreender como algo estaria fora desse nosso mundo, fora de pedagogia do mundo e mesmo assim servindo a este mundo. Nietzsche (corrigindo o pensamento de Schopenhauer) deixou claro para essa questão uma explicação física: em que a arte é fruto de verdadeiro árduo trabalho, sendo toda a arte como uma *educação* que a própria intuição (ou seja lá qual termo seja usado, como “inspiração”) é esquecida pelo artista ou instigada por ele para que o público possa vê-lo como algo “divino”. O **mas apenas por obra de arte** só seria possível se houvesse um homem ideal para compreender esse mesmo ideal, e isso Schopenhauer procura desenvolver na sua obra de maneira instigante, porém, sentimos um desânimo justamente porque para se compreender a obra de arte dessa maneira, não há outra maneira que o método metafísico desenvolvido por este filósofo magistralmente.

Mas de onde vem essa postura metafísica de Schopenhauer? Da leitura de Platão como foi dito acima. Este mundo do cotidiano é representação, objeto do mundo da *idéia*. Mas mesmo pensando assim, Schopenhauer tem que dá conta do individual, das diferenças, não só a nível deste, mas também a diferenças entre culturas. Para resolver o dilema das diferenças de gostos e prazeres e além, das diferenças culturais do mundo, nada mais aceitável que a introdução do conceito de “essência”. Este conceito que pressupõe algo imutável no mundo, imperecível e duradouro (mesmo que as culturas humanas digam o contrário), aglutina sob seu campo de sentido, as diferenciações tanto a nível individual quanto a nível coletivo. A metafísica é a-histórica (impossibilidade) porque o que lhe interessa é o belo (em sentido estético) enquanto meio de apropriação de uma *idéia* pura, intocável e independente das culturas, tudo isso para se poder dar conta das obscuridades da arte e da atitude do artista associado ao louco, ou o incompreendido na sociedade. Entretanto, Schopenhauer não é esse pensador incompleto, que imaginaria algo como fora de uma historicidade, porém, por outro lado falar de metafísica não como certa maneira romântica de olhar o mundo, e sim como mecanismo de compreensão da arte é incompreensivo se não levamos em conta o caráter físico dessa metafísica de nosso filósofo, podendo, o crítico, correr o risco de não tirar o maior proveito dessa concepção consciente da beleza do mundo.

Como para nós a metafísica é um tipo de “esquecimento” metodológico, no sentido que não vê que precisa de um conhecimento coletivo/individual para se desenvolver, e não só de uma “intuição” (e existe intuição desinteressada de mecanismo social?). Bachelard já havia colocado o problema da ciência moderna enquanto problema metafísico ao dizer que “todo homem, no seu esforço de cultura científica, se apóia não em uma, mas sim em duas metafísicas naturais e convincentes, implícitas e obstinadas [...]” (BACHELARD, sd., p. 9). Compreende-se bem que a todo conhecer, destituído de uma crítica do mesmo processo de conhecer, pode ser considerado metafísico, seja qual for o método escolhido para tal pesquisa teórico/prático.

Não fora por acaso que Schopenhauer opta pela metafísica, pois para ele “A *Idéia*, não se submete [...] pluralidade nem mudança” (Schopenhauer, 2003, p. 30). Dito de outra maneira, a *Idéia* é algo que o indivíduo não controla,

existe para além de um gosto subjetivo, pois tudo que é humano não é só perecível como mutável, incluímos nisso a arte que se nasceu do divino, foi consequência da *festa* (religiosa, de agradecimentos) que buscava ultrapassar as mazelas do cotidiano, porém se esquece que a mesma festa era feita por homens (CAMPBELL, 1990). Não queremos aqui negar o *devenir* na constituição do humano, pois um sujeito sem uma “possibilidade” (social) não seria sujeito, e sim, um *mônada* estático; mas, simplesmente procuramos mostrar que a metafísica de Schopenhauer não será compreendida se se olhar para ela como algo extra-social, fruto de uma “intuição” (fora do social) que permitisse atingir o *belo* por sujeitos também “inspirados” para a compreensão da obra da *natura* (Idéia) concepção de mundo enquanto um filosofar sobre a arte. Se a ciência presa ao conceitual não vê que é fruto desse método “científico” (social) pensando por conceitos, a arte também, à maneira metafísica de pensar, não vê que esse “intuir” do artista é também devido (a ele) enquanto ser inserido dentro de um campo socialmente dado.

A metafísica do belo enquanto doutrina (anti-individual) é justamente a tentativa da única possibilidade de se compreender o “criar” artístico enquanto representação. E como isso é possível? Ora, ao compreender o mundo como algo que é uma representação (o visível para o invisível) como aquilo que está por trás ou fora esta mesma representação, então, nada mais obvia que criar um mecanismo, à maneira como Nietzsche criou para si mesmo o seu *Super-homem*, Schopenhauer criou a sua *metafísica*. Este, então, indica que a “alegria com o *belo* é de gênero inteiramente diferente. Ela se baseia sempre no mero *conhecimento*, exclusivo e puro, sem que os objetos do conhecimento tenham alguma relação com nossos fins pessoais” (SCHOPENHAUER, 2003, p. 25). Esse **sem que os objetos [...] tenham alguma relação com nossos fins pessoais** em certo sentido não vai de encontro com uma concepção de arte de Ernst Cassirer, para quem “O artista escolhe um certo aspecto da realidade, mas esse processo de seleção é ao mesmo tempo um processo de objetificação” (CASSIRER, 1970, p. 239). Esta **objetificação** é justamente a possibilidade de comunicação entre o nós e a obra do artista. Cassirer fala sobretudo de um “forçamento” que é sempre por escolha do artista, para que aquilo que nós não conseguimos ver sem a objetificação da obra do grande artista. Não obstante àquilo que ele chama de “forma”, é na verdade uma

escolha e um gosto do artista que se une com a escolha e o gosto nosso. Se nesse aspecto, como no de escolha e gosto, a *metafísica do belo* é metafísica, por outro lado, a não relação de utilidade sentimental do artista é a mesma vista por Cassirer, pois para este, mesmo não citando Schopenhauer, as obras do grande artista “Não são uma simples erupção momentânea de sentimento apaixonado, mas revelam uma profunda unidade e continuidade” (CASSIRER, 1997, p. 240). Unidade e continuidade estas expressas na forma, uma maneira única em que seria possível a comunicação com quem se predispõe artisticamente aberto para o estético.

2

Eis uma descoberta platônica que é fundamental para todas as metafísicas posteriores: o mundo visível é puro fenômeno. Há uma essência do mundo que gera todas as coisas e procura sempre retornar ao ponto inicial, a idéia do “eterno retorno” que não deixou de está presente no filósofo do humano, demasiado humano. Isso vai ser também de fundamental importância, a idéia de essência, se aplicada ao social e as suas instituições, ao Estado, por exemplo. O Estado (governo) é para uma análise marxista tão-somente um mecanismo da classe dominante. Para se compreender um Estado (fenômeno), basta compreender quem domina a sociedade (essência). Porém, à maneira que a metafísica do belo dá seu entendimento à obra de arte, isso se torna incompreensivo devido à arte parecer (ou alguém pode ser levado assim a entendê-la) mecanismo de uma força estranha, a Idéia como foro do mundo, descolada do mundo dos homens. Entretanto não podemos esquecer que, se levarmos em conta a pesquisa de Campbell, de certa maneira, o nascimento da arte fora um acontecimento de “fuga” das mazelas e banalidades da vida cotidiana, mas tendo a arte essa característica genuína, ela é socialmente instituída e não fruto de metafísica.

Para reforçar a supremacia da força invisível do mundo: “Se devemos conceber a essência íntima de alguma coisa, a Idéia que nela se expressa, não podemos ter o mínimo interesse por essa coisa, isto é, ela não pode ter relação alguma com nossa vontade” (SCHOPENHAUER, 2003, p. 45). A ciência pode aplicar o mesmo princípio aqui expresso para sair do que se entende como

senso comum. Mas sempre que se age assim, não se vai ao mundo da Idéia pura que é sempre o mundo da Idéia dos Homens em sociedade, de encontro ao mundo dos homens, no sentido que sua essência é dado pela cultura na qual esse mesmo homem se encontra inserido.

Como parte importante para a sua metafísica, Schopenhauer procura diferenciar indivíduo de sujeito, suprimindo tudo que possa diferenciar objeto e sujeito: “o objeto (como sempre) não é nada senão representação do sujeito; e o sujeito, na medida em que se abandona por inteiro no objeto intuído, tornou-se esse objeto mesmo” (SCHOPENHAUER, 2003, p. 48). O artista realiza obviamente esse papel. O artista não passa de um mero títere da Idéia. Esta é que está, como um Deus, manipulando para atingir seu fim, que é uma volta à fonte primeira da Idéia. Essa força e intuição que o artista expressa a partir do mundo que na idéia paira, como aquilo que está na base da grande arte, como explicar as diferenças nas obras de arte? Diz Cassirer (1997, p. 238) que certa vez, o pintor Ludwig Richter, “quando estava em Tivoli, ele e três amigos decidiram-se a pintar a mesma paisagem [...] Mesmo assim, a experiência resultou em quatro quadros completamente diversos [...] um do outro quanto as personalidades dos artistas”. A expressão **personalidades dos artistas** indica apropriadamente que não pode haver obra de arte descolada de certa *funcionalidade* do artista, de sua escolha, gosto (sentido *lato* do termo) em que seria absurdo pensar uma obra sem um sentido *terrestre* (para além dos termos realismo e racionalismo). O perigo de colocar o artista ou entendê-lo como um ser que cria a partir de um mundo metafísico para além do humano é desviá-lo enquanto sujeito, que querendo ou não, pertence a segmentos sociais concretos. Sérgio Buarque de Holanda na obra *Raízes do Brasil*, analisando o trabalho do artista romântico brasileiro, observou que “Todo o nosso pensamento dessa época revela a mesma fragilidade, a mesma inconsistência íntima, a mesma indiferença, no fundo, ao conjunto social” (HOLANDA, 2009, p.162).

Se o artista incorpora essa funcionalidade metafísica então sua obra passa a ser entendida como algo que não terá nada a atingir, seria a ingênua idéia da *arte pela arte*. E uma obra de arte sempre atinge alguma coisa mesmo quando ela tem essa pretensão metafísica, de nada querer “atingir”, não pretendendo ser uma arma humana eficiente, poderosa. Porém, ela só atinge

algo porque foi feita na terra para a terra, não num reino celestial, a menos que se entenda, como se procura demonstrar aqui, que tanto o ideal quanto o celestial são feitos de ações entre homens e até mesmo entre culturas diferenciadas.

A metafísica de Schopenhauer torna o sujeito puro conhecimento. Isto se dá quando não há mais diferenciação entre quem conhece e o que é conhecido, uma simbiose sublime. O que se pretende com isso é a busca pela essência do mundo. As individuações não são importantes nesse processo, aparecendo até que não são levadas em conta quando o objetivo é a grande arte: “A diversidade dos indivíduos se dá somente no mundo da representação e devido à sua forma” (SCHOPENHAUER, 2003, p. 49). Este filósofo sabe que há uma diferença entre não só artistas, mas entre temas das obras, mas propõe isso como metafísico de que há um tema universalmente dado pela idéia do mundo, em que essas diferenças são colocadas em segundo plano como algo desnecessário de se levar em conta. Como a sua preocupação é o ideal e não, como acredita, o existente, não pode dar conta dessa diferenciação tão marcante nas obras e nos artistas, frutos justamente do que também não leva em conta, as relações sociais que todo o grande artista se encontra inserido.

Para ilustrar, a título de exemplo nossa análise, tomamos o seguinte caso, a vida do gravurista holandês de meados do século XX, M. C. Escher, em que dizia não conseguir criar em pura contemplação, e que precisava caminhar horas a fio para poder buscar *inspiração*, pois não ficava esperando um tema, ou uma idéia original, mas pelas suas caminhadas os temas que precisava apareciam. Ele também reclamava que não conseguia criar quando se mudava para o norte da Europa durante o inverno, o gelo lhe tirava a *inspiração* devido apresentar sempre a mesma *paisagem*. Nietzsche, do mesmo modo, dizia que filosofia se faz em longas caminhadas e não preso em gabinetes, querendo talvez dizer com isso que na pura contemplação não teremos nada a não ser a própria contemplação imaginária. Desses fatos podemos compreender que a arte é puro trabalho insistente e duro. Da mesma maneira que o verdadeiro camponês trabalha duro (nesse ponto ele é um artista) assim faz o trabalhador da arte. A diferença é que no camponês o trabalho se resume a horário e a uma finalidade visível, vender ou consumir. No artista verdadeiro a criação às

vezes toma o ar de nada significar. Às vezes é por puro hedonismo que sua obra é realizada e almejada uma tensão da qual o sujeito não consegue se livrar. Aqueles que fazem poemas, pintam, esculpem apenas por passatempo ou em horas vagas, não são artistas no sentido nietzscheano. Pelo contrário, na arte não há tempo livre, toda a duração é preenchida pela vontade de criar ou guiar um objeto qualquer pela pulsão do gosto de o fazer a qualquer custo. Aqui, o trabalhador não é escravo do tempo porque realiza seu gosto íntimo, mas sim o tempo escravo do artista/trabalhador. Se existe um prazer da obra física, esta acontece justamente no trabalho, e não fora dele, como acontece na hora de folga próprio do trabalhador (escravo moderno) da indústria, em que este procura a todo custo se livrar do trabalho tedioso o qual fora submetido pelas relações capitalistas modernas.

Fizeram a seguinte pergunta, em lugares diferentes, para Adoniran Barbosa, compositor brasileiro, e para Escher: “Como você cria, ou que lhe faz criar?”. Incrivelmente responderam a mesma coisa: “Não sei, só sei que faço”. Ambos os artistas incrivelmente se esqueceram como criaram suas obras. Adoniran Barbosa é sabido que fora mandado embora de vários empregos porque vivia cantando e batucando no ambiente de trabalho, e que Escher passou necessidade financeira devido também só ficar andando obstinadamente atrás de inspiração para produzir suas gravuras (esse era também seu gosto máximo). Cada um de nós tem um gosto coletivo/pessoal mas nem sempre temos aptidão para segui-lo. Nesse sentido do gosto pessoal, não se aplica somente ao artista, como temos procurado dizer neste texto, mas qualquer indivíduo o tem, como o possui também um estuprador que não consegue se livrar do prazer do seu ato, e procura realizá-lo a qualquer custo. O político que rouba vai a qualquer custo realizar seu gosto. O artista da mesma maneira é esse trabalhador assíduo e incansável para realizar seu gosto. A diferença entre um tarado, um político e um artista não é de natureza e sim de grau.

3

Como já exposto anteriormente, a idéia de essência e fenômeno nos serve para explicar situações que envolvam o Estado e seus mecanismos

sociais. Exemplo: está definido que o Brasil vai sediar a copa do mundo de futebol em 2014. Esse fato fora comemorado tanto pelo presidente Lula (presidente do Brasil), quanto por Pelé (ex-jogador de futebol) como um conquista da política e a eficiência da propaganda. Ora, é correto se acreditar nisso? Claro que não, pois a escolha de onde será a próxima copa é uma questão de saber em qual lugar será mais lucrativa para as grandes mídias econômicas, no caso atual, o Brasil é esse campo em crescimento. Nesse sentido, a idéia de essência nos é apreciável e nos ajuda a entender tal fenômeno como algo de interesses econômicos (ou outros interesses variados) envolvidos. Nesse sentido, entendemos que qualquer pessoa que tenha a conclusão como a anterior, sobre o Brasil como sede da copa do mundo de futebol, possui visões metafísicas se realmente acredita que a escolha do Brasil foi uma realização sem interesses de grandes grupos ávidos pelos futuros ganhos com tal evento esportivo; e sem levar em conta também, o quanto o Estado está disposto a diminuir os custos de tais empresas em detrimentos de investimentos mais urgentes e duráveis para a população.

Essa postura acima apresentada nos mostra que não estamos ainda livres de concepções fantasiosas, em que estas são tidas como normal e aparentam a-históricas. Schopenhauer está, portanto, convencido “ao atribuir ser verdadeiro somente às Idéias, enquanto, ao contrário, às coisas no espaço e no tempo – esse mundo real para o indivíduo – concedia só uma existência aparente e onírica” (SCHOPENHAUER, 2003, p. 51). É sabido do encontro de Schopenhauer com o pensamento oriental, em especial o budismo. Isto fora muito influente na sua formatação filosófica. Para o budismo o mundo é uma ilusão. Vivemos num mundo em que este é mero pretexto existencial, a vida aqui não é para ser vivida e sim para ser aniquilada. Mas isso não é nenhuma vantagem filosófica, pois aquele que vive somente materialmente (social) e aquele que vive somente de contemplação (social) serão aniquilados igualmente. Porém, dá ao artista o “dom”, como uma dádiva de uma *essência* do mundo, sem levar em conta que essa essência é fruto de seu *gosto* e *trabalho* duro, aí é não usufruir da bela concepção de arte proposto pelo próprio Schopenhauer.

Reportando-nos ainda a Holanda, a postura de nossa posição intelectualidade brasileira se vale de certa maneira de uma metafísica quando

ele reconhece que “há outros traços por onde nossa intelectualidade ainda revela sua missão nitidamente conservadora e senhorial” (HOLANDA, 2009, p. 164). Podemos dizer missão metafísica. E uma dessa missão “é a presunção, ainda em nossos dias tão generalizada entre seus expoentes, de que o verdadeiro talento há de ser espontâneo, de nascença, como a verdadeira nobreza, pois os trabalhos e o estudo acurado podem conduzir ao saber, mas assemelham-se, por sua monotonia e reiteração, aos ofícios vis que degradam o homem” (HOLANDA, 2009, p. 164).

Esse espírito metafísico veio com a nossa *intelligentsia* que fora estudar na Europa. Mas nunca ouve verdadeiramente uma “idade de ouro” para a arte. Ela sempre fora obra “de quem não tem o que fazer” (pensar ingênuo) e a pessoa do artista nunca fora bem vista até o século XVIII. É com a modernidade que passa a se ter uma tara por tudo que seja artístico ou que leve esse nome. O gravurista Escher passou a maior parte de sua vida sem reconhecimento e ao que parece não visava isso, apenas criando para realizar um gosto que não lhe deixava tranquilo. E este *gosto* não é só (do) artista, cada um de nós temos um gosto a realizar.

Quiçá é esse desprendimento das coisas sociais, como política, religião, casamento, etc. que dá a entender que o artista é um ser fora do mundo. Isto geralmente se dá devido que é mais importante para o artista dedicar mais tempo de sua vida ao que sua vontade deseja que se dedicar a algo fora dessa vontade. Mas isso não é próprio do artista. Sabe-se que um jogador (de roleta ou baralho), deixa a mulher e filhos para ficar dias jogando, arriscando sem receio algum de perder a estabilidade familiar, etc. Por quê? Simplesmente para viver um gosto, o de jogar. Vamos dá mais crédito e atenção ao gosto do artista e sua obra que ao do jogado: por quê? Porque o gosto do artista nos pode ser transmitido, compartilhado, como ainda, nos causar o chamado prazer estético. Também por ter uma sociabilidade possível no gosto do artista, coisa que não há no do jogador pois fica como que petrificados no mesmo ator. Na verdade, o artista é o ser mais sociável que existe, e não o contrário como se quer deixar acreditar, que ele é um *masoquista*, enfim, um egoísta.

Essa perspectiva nossa aqui, que parece terrestre demais, não é para fechar o pensamento ou imaginação que o artista demonstra; pelo contrário, amplia suas possibilidades. Cornelius Castoriadis (2000), ao falar de

representação e pensamento aponta essa abertura quando mostra: “ainda uma vez, a impossibilidade de pensar o pensamento numa perspectiva egológica, e finalmente então, de pensar o ser ignorando o social” (CASTORIADIS, 2000, p. 381). Dizer que há o mundo, mas somente enquanto instituição imaginária social, não é reduzir o mundo a um mero fisiologismo, mas dizer que não existe mundo que não seja instituído socialmente. E logo em outra passagem, amplia a possibilidade da filosofia de está enraizada no social, ampliar seu campo e torná-la mais filosófica: “Ora, dizer que a filosofia é – como evidentemente é – instituição social-histórica não a anula como filosofia. Dizer que é somente na e pela instituição da sociedade que há abertura para o mundo não obstrui esta abertura” (CASTORIADIS, 2000, p. 382). Até aqui, achamos que foi claro o objetivo deste artigo: que a metafísica de Schopenhauer é humana em sentido mais amplo do termo. Isto não significa um rebaixar desta filosofia, pelo contrário, ela ganha força e tornar-se mais compreensiva, pois, o ranço de metafísica torna-se como algo puramente social. O poeta brasileiro, Augusto dos Anjos, no poema *Aos meus filhos* pôde expressar em versos, o quanto a arte é um sofrimento pelos outros, de *Ideal* força, mas que esse ideal é nada mais que: “Minha continuidade emocional”; “Culminâncias humanas ainda obscuras” e “Íons emanados do meu próprio Ideal” (ANJOS, 2007, p. 124-125). Um ideal com certeza fruto de relações sociais trafegando por milênios entre as pessoas, mas sempre realizando em alguns, os artistas, seus únicos seguidores atentos e dissimuladores.

4

A filosofia de Schopenhauer é martelo, uma arma contra o mundo, contra as falsas teologias disfarçadas de filosofia. Esqueçamos por um momento sua concepção metafísica e mostremos a força desse filosofar. Na obra *A Arte de Escrever* Schopenhauer nos deixa ciente de quanto o trabalho é fundamental para a arte quando expressa o termo *examen rigorosum* indicando que é sempre necessário um mecanismo de controle para evitar os falsos profetas das letras.

Para que possamos entender até que ponto e qual a importância física para Schopenhauer da arte é necessário atentarmos para sua concepção de

homem. Para ele só há dois tipos de homem (sentido *lato*): o grande e o pequeno. Uma verdadeira mãe é aquela que troca seus prazeres, sua individualidade no memento em que *decide* ter filho. Do mesmo modo um verdadeiro artista não é esnobe, egoísta (no sentido superficial do termo), ou procura a todo custo seu bem-estar. Para ele, o mundo é feito de *questões* que devem ser resolvidas para benefício da própria humanidade, por isso o mundo é o seu alvo a atingir. Ele (artista) é uma *passagem* para que este mundo seja *melhor*: “Grande é o homem que não põe como meta principal de sua vida e atitude a *própria pessoa* [...] Alguém é grande se sua pessoa e sua vida são um mero *meio* para um fim objetivo; sim, mesmo que esse fim seja um atentado [...]” (SCHOPENHAUER, 2003, p. 113-114).

Se ser grande é tudo isso anteriormente citado, então, o contrário é ser pequeno. Mas ser pequeno não é *ruim*, é *escolha*, é *gosto*. Schopenhauer é visivelmente consciente do homem pequeno (Marx diria *pequeno burguês*), do homem orgulhoso e dar um lugar certo para esse homem, o exército, e não o mundo da arte, que deveria ser só preenchida pelo homem grande. Ora, isso ele também sabe que não é possível, pois no mundo, há mais homens pequenos que homens grandes. Se o homem pequeno é sempre pequeno, o mesmo princípio não se aplica ao homem grande. Este não pode ser grande a maior parte do tempo, há afazeres do cotidiano esperando para ele. Cornelis Escher é nosso exemplo. A *loucura* de sua mulher, boa parte explicada devido ele só ter escolha e gosto pela sua arte, em que a deixando na maioria do tempo sozinha, proporcionava nos outros a visão errada de que ele nutria aversão à família, ou não tinha olhos para o lar: o artista, na verdade, só tinha olhos para sua arte. Perguntado várias vezes se ele (Escher) se interessava por política partidária ou grupo ativista sempre respondia que o seu maior gosto era suas gravuras (entendidas como gosto materializado) como as coisas que mais amava.

A arte talvez só deve se entendida somente em sentido amplo. Uma mãe (artista) dedicada aos filhos com zelo e cuidados exagerados, que suporta as atrocidades de um pai tirano (o mundo tirano) em prol do bem de seus filhos (humanidade geral), pode muito bem sofrer do *mal do artista*: a força irresistível (metasífica diria Schopenhauer, mas que para nós *física*, no sentido social) que

sentimos por algo *objetivo* e que é nosso único gosto e prazer de estarmos existindo.

A grande, talvez, diferença que exista entre um verdadeiro artista e um artista charlatão é que o primeiro se dedica ao mundo, sua vida e obra. O segundo dedica sua obra apenas como deleite de esnobismo individual e bem-estar pessoal, isso sem levar em conta a diferença entre ambos quanto a técnica e o que apresenta cada um enquanto tema necessário para uma grande arte.

NOTAS

ⁱ Historiador e mestre em Geografia pela Universidade Federal de Rondônia – Unir.

Bibliografia

- ANJOS, Augusto dos. **Eu e Outras Poesias**. Porto Alegre: L & PM, 2007.
- BACHELARD, Gaston. **O Novo Espírito Científico**. Lisboa: Edições 70, sd.
- CAMPBELL, Joseph. **As Transformações do Mito Através do Tempo**. São Paulo: Cultrix, 1990.
- CASSIRER, Ernst. **Ensaio Sobre o Homem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 5ª ed., 2000.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 26ª ed., 2009.
- SCHOPENHAEUR, Arthur. **Metafísica do Belo**. São Paulo: Unesp, 2003.
- _____. **A Arte de Escrever**. Porto Alegre: L & PM, 2009.